

Feira é lugar ideal para caça aos votos

A esta altura da campanha eleitoral as áreas de atuação dos candidatos já estão delimitadas. Mas nenhum deles esquece de uma zona liberada para caça aos votos: a feira. Lá reúnem-se milhares de pessoas de vários redutos e certamente o trabalho de corpo-a-corpo (e até a simples panfletagem) é fértil.

Uma rápida conversa, um tapinha nas costas, um cafezinho, um aperto de mão demasiadamente demorado, um abraço apertado como nunca e sempre uma promessa. Todas estas armas já são conhecidas e, apesar de antigas, nunca abandonadas até mesmo pelos candidatos ditos mais modernos e progressistas.

Feira do Guará, sábado, 10h da manhã. Todas as barracas estão funcionando. Fregueses e comerciantes são abordados a todo momento por um candidato ou um cabo eleitoral anunciando suas propostas. Este trabalho de corpo-a-corpo é considerado eficiente e barato. Assim, quem tem pouco dinheiro para alugar out-door ou fazer cartazes mais ousados (ou até oferecer empregos e outros favores) prefere o contato direto.

Foi o que fez o candidato

a deputado federal pelo Partido Nacionalista, Renato Levi Barros. Acompanhado por dois meninos que carregaram cartazes com suas fotos, Levi distribuía "santinhos" com algumas de suas propostas. Simpático e sempre "tendo muito prazer em conhecer a todos", Levi "fez" a feira do Guará pela manhã e depois foi tentar mais votos na Cellândia. Sábado a feira da Cellândia é fraca e ele não demorou por lá.

De repente uma eleitora aborda o candidato. Ela é Adelina Maria de Jesus, 27 anos e aparentemente mais de 30. Três filhos e o marido, Geraldo Alves da Silva, 33 anos, com doença de chagas. Ela apresenta uma receita e quer comprar Vagostenzil, um "remédio para o coração do meu marido". O candidato pede desculpas e não lhe dá o dinheiro. Se mostra mais "autêntico" e sem a demagogia de alguns candidatos.

Mesmo assim, ele fornece o telefone do seu escritório e promete tentar arrumar algumas amostras grátis com a irmã farmacêutica.

INDECISÃO

A feira é livre e qualquer um pode fazer sua campanha.

nha. O reduto não é de ninguém. Todos os candidatos juram que o nível de aceitação é sempre alto. Mas existem muitos eleitores indecisos. Nilo Sérgio, funcionário público, está há pouco tempo em Brasília. Não sabe em quem vai votar mas não dispensa os adesivos de qualquer candidato, ou a camiseta que sempre usa. Parece um cabo eleitoral de todos que se apresentam.

Ele conversa, dá sugestão para que seja distribuído um panfleto orientando o eleitor de como votar. O candidato é receptivo à idéia e promete atendê-lo. No bolso de Nilson centenas de "santinhos" de candidatos de todos os partidos. Ele promete que vai se inteirar das propostas e depois decidir o seu voto.

O barraqueiro Francisco Firmino está meio encantado com a campanha eleitoral. Ele vende frutas da feira do Guará e é a primeira vez que conhece candidatos de perto, apertando sua mão e prometendo o que ele sempre quis: um incentivo ao pequeno comerciante, principalmente o da feira livre. Ele também não sabe em quem votar. Depende do que acontecer até 15 de novembro.